

# Análise do mercado de feijão comum<sup>1</sup>

Elenice da Silva Moraes<sup>2</sup>  
Almir Silveira Menelau<sup>3</sup>

**Resumo** – O objetivo deste trabalho é analisar o mercado de feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) brasileiro para verificar os avanços produtivos e as oscilações dos preços nos últimos anos que determinaram as razões para o status quo dos preços. A pesquisa é de caráter descritivo, e os dados são da Embrapa Arroz e Feijão, Conab e Agrolink. O preço da saca 60 kg foi coletado na Agrolink. Os resultados mostram que a diminuição da área plantada e os fatores climáticos influenciaram o aumento significativo do preço do feijão comum em 2015 e 2016 (31,81% de 2005–2006 a 2015–2016). Para 2017, a perspectiva é de melhorias, mas a passos lentos.

**Palavras-chave:** agricultura, clima, políticas públicas, preço.

## Market analysis of common bean

**Abstract** – This study aims to analyze the market of common bean (*Phaseolus vulgaris* L.), with setting forth to check production advances over the years, as well as the fluctuations in prices of recent years, in an attempt to detect reasons and contrarrazões to the “status quo” in prices. While methodological aspects, the survey was of a descriptive character. The data were extracted from the website of Embrapa rice and beans, CONAB and AGROLINK in 2016. While the price of 60 Kg bag of common bean was collected along the AGROLINK, which was used the national average price of beans (60 kg bag) for the analysis of the data. The main results show that the decrease in the acreage and the climatic factors of the various regions of Brazil influenced the increase in the price of common Bean significant (60 Kg bag) in 2015/16, which increased wound oscillate around 31.81% from 2005/06 to 2015/16. In the first months of 2017 the prospect’s improvements, however, will be in slow steps. Given this, it is suggested greater investment in public policy in the agrarian sector.

**Keywords:** agriculture, climate, public policies, price.

## Introdução

O feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) é um dos principais alimentos brasileiros, e a causa disso é sua importância social e econômica decorrente de seu alto valor proteico (TAVARES et

al., 2013). O Brasil é uns dos maiores produtores mundial de feijão, com produção média anual de 3,5 milhões de toneladas (CONAB, 2016). Os principais produtores são Paraná, Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Goiás (BARBOSA; GONZAGA, 2012).

<sup>1</sup> Original recebido em 27/10/2016 e aprovado em 1º/3/2017.

<sup>2</sup> Mestranda em Administração e Desenvolvimento Rural. E-mail: elenicemoraes7@gmail.com

<sup>3</sup> Engenheiro-agrônomo, doutor em Economia. E-mail: almirmenelau@yahoo.com.br

O feijão é consumido em todas as regiões do País e, junto com o arroz, está presente na mesa de diversas classes sociais – é privilegiada fonte de proteínas, ferro e carboidratos. Importante destacar que o feijão também pode ser utilizado para a alimentação animal.

O feijão no Brasil é cultivado em pequena e em grande escalas, e os sistemas de produção diferem entre as regiões. A vantagem de um consórcio em relação à monocultura é evidente quando as culturas envolvidas são diferentes quanto às exigências dos recursos disponíveis em qualidade, quantidade e época de demanda (CUNHA, 2014).

A importância do feijão para a alimentação humana e animal deve-se às suas características organolépticas, já que é fonte de proteínas, minerais e vitaminas, além de possuir alto conteúdo de ácidos graxos poli-insaturados e carboidratos. A qualidade do grão é determinada principalmente pelo tempo de cozimento e características nutricionais. Entretanto, quando armazenado ou conservado em temperaturas e umidades relativas altas, comuns em países tropicais, ele se torna endurecidos, ou seja, pode desenvolver o fenômeno conhecido como *hard-to-cook* (HTC), que significa difícil de cozinhar (KINYANJUI et al., 2014; NJOROGE et al., 2015).

Dada a importância socioeconômica do feijão na alimentação e na geração de renda, o objetivo deste trabalho é analisar o mercado de feijão comum brasileiro para tentar entender o status quo dos preços. Parte-se da seguinte pergunta: que mudanças e transformações na produção e no mercado do feijão ocasionaram as oscilações de preços do produto nos últimos anos?

Para os dados conjunturais, foram usadas informações da Embrapa Arroz e Feijão (2015), Conab (2016) e Agrolink (2016). Os coeficientes técnicos, ou seja, os fatores do preço da saca de 60 Kg de feijão comum, foram coletados no Agrolink, que usa a média nacional do preço do feijão para a análise dos dados.

## A dispersão espacial da produção do feijão comum

O feijoeiro comum é uma das principais culturas produzidas no Brasil e no mundo. Sua importância extrapola o aspecto econômico, com relevância na segurança alimentar e no aspecto nutricional – o feijão comum é historicamente um dos principais alimentos consumidos no Brasil (BARBOSA; GONZAGA, 2012). Além do Brasil, destacaram-se na participação média da produção mundial: Índia, com de 17%; Mianmar, 15%; China, 8%; Estados Unidos, 5%; México e Tanzânia 4%; e Quênia e Uganda, com 2% (SALVADOR, 2014).

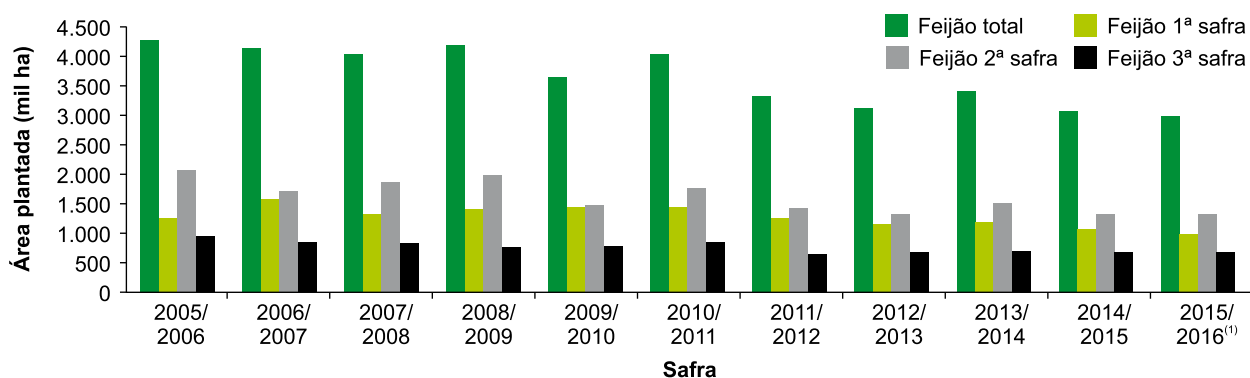
O produto tem ampla adaptação edafoclimática, o que permite seu cultivo durante todo o ano, em quase todos os estados, e possibilita constante oferta (SALVADOR, 2014). Os principais produtores são Paraná, Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Goiás.

Nos últimos dez anos, por causa da falta de água, a área plantada de feijão no Brasil caiu (Figura 1). Prevê-se queda de 3,5% de 2014–2015 para 2015–2016 (declínio de 3.040.000 ha para 2.934.000,1 ha).

A Conab estima com séries temporais a produtividade das culturas em fase de plantio. Para prever a produtividade das culturas em desenvolvimento/colheita, são levadas em consideração as informações de produtividades apuradas nos trabalhos de campo e nos monitoramentos agrometeorológico e espectral (CONAB, 2016).

A Figura 2 mostra que a previsão para 2015–2016 é de queda de produtividade do feijão: 1,3% em relação a 2014–2015 (1.055 kg/ha contra 1.069 kg/ha); Em 2013–2014, a produtividade foi a maior dos últimos dez anos, com 1.074 kg/ha, e de 2013–2014 para 2014–2015 a queda foi de 0,5%.

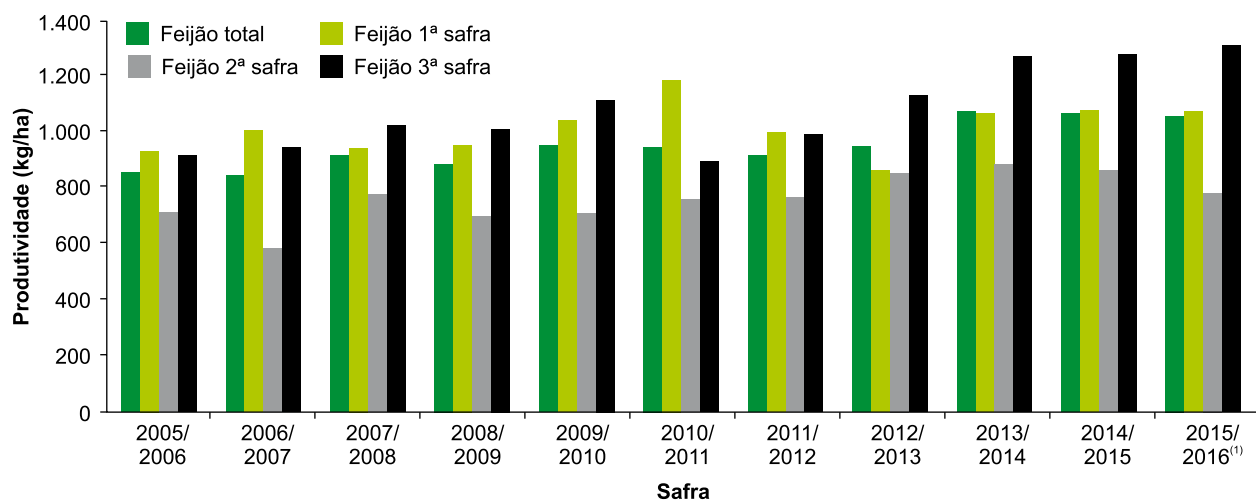
A estimativa para a produção brasileira de feijão é de 2.925,7 mil toneladas na safra 2015–2016, decréscimo de 6,1% ou 189,6 mil



**Figura 1.** Área plantada com feijão no Brasil de 2005–2006 a 2015–2016.

<sup>(1)</sup> Previsão

Fonte: adaptada de Conab (2016).



**Figura 2.** Produtividade do feijão no Brasil de 2005–2006 a 2015–2016.

<sup>(1)</sup> Previsão

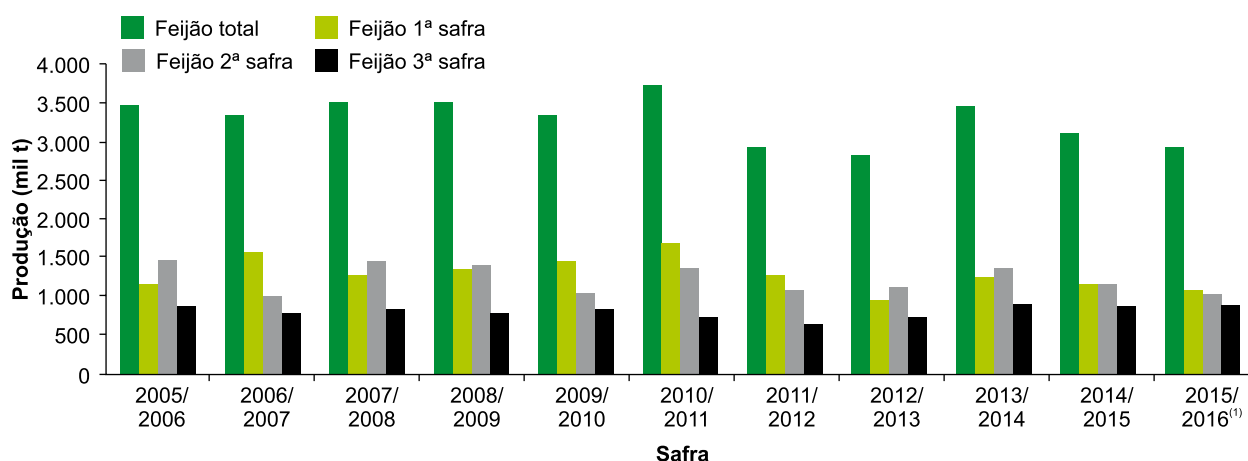
Fonte: adaptada de Conab (2016).

toneladas em relação à safra 2014–2015, que foi de 3.115,3 mil toneladas (Figura 3).

As lavouras de feijão de 2015–2016 registraram, de modo geral, perdas decorrentes do clima. O potencial produtivo do feijão paranaense, por exemplo, projetou produção de 750 mil toneladas para o período. Porém, houve redução de 19%. Por causa da oferta reduzida do grão, principalmente do feijão do grupo carioca, os preços extrapolaram as previsões (AGÊNCIA NACIONAL DO PARANÁ, 2016).

Para as demais culturas, com exceção das de inverno, a estimativa também é de queda de produção, impulsionada pela redução da área de plantio e, principalmente, pelas adversidades climáticas, como estiagens prolongadas e altas temperaturas (CONAB, 2016).

A perspectiva para os primeiros meses de 2017 é positiva, mesmo o setor necessitando de políticas que minimizem os problemas gerados pela concentração de poder no processo de comercialização, o que normalmente acarreta



**Figura 3.** Produção de feijão no Brasil de 2005–2006 a 2015–2016.

<sup>(1)</sup> Previsão

Fonte: adaptada de Conab (2016).

imperfeições e perda de competitividade dos agentes envolvidos (MELO et al., 2016).

## As preferências do consumidor de feijão

A preferência entre os consumidores de feijão varia quanto aos tipos de grão – forma, tamanho, brilho e cor –, algo que pode influenciar a comercialização do produto (VENTURELLI et al., 2014). Em razão da preferência dos consumidores e dos agricultores, há no Brasil ampla variabilidade de cultivares: carioca, preto, roxo, rosinha e também os feijões de sementes graúdas e as cultivares do grupo manteigão (PEREIRA, 2012).

No acréscimo de novas cultivares, alta produtividade e resistência a fatores bióticos e abióticos são características desejadas, mas visando atender as exigências do mercado consumidor (FRANCISCO et al., 2016). Os programas de melhoramento genético do feijoeiro aprimoraram a obtenção de variedades com alta produtividade, sementes resistentes às pragas, com forma, tamanho, cor e brilho aceitáveis no mercado. Além disso, os grãos de feijão devem possuir características culinárias e nutricionais desejáveis, como facilidade de cozimento, paladar agradável, textura macia, capacidade de produzir caldo

claro e denso e maior teor de proteínas e minerais (PEREIRA et al., 2016).

## Os preços praticados e os mercados atendidos

As transações de grandes quantidades de um mesmo produto são feitas por diferentes preços. Em um mercado perfeitamente competitivo, um único preço prevaleceria. Porém, em mercados que não possui perfeita competição, os preços são díspares, podendo ser praticados de acordo com a vontade das empresas (SILVA et al., 2016).

O cenário atual do mercado de feijão é de ausência de levantamentos do preço em nível nacional. Tanto os produtores quanto os comercializadores se ressentem da falta de levantamentos constantes de preços num mercado cada vez mais dinâmico, e isso acaba por prejudicar a evolução do mercado feijoeiro (INSTITUTO BRASILEIRO DO FEIJÃO E PULSES, 2016).

O mercado paulista, por exemplo, tem sido abastecido com produtos do Paraná, Minas Gerais e Santa Catarina. No Centro-Sul, por causa das adversidades climáticas, verificou-se acentuada queda de produtividade, com desta-

que para o Mato Grosso (39,1%), Goiás (23,4%), Paraná (17%) e Minas Gerais (9,2%), o que reduziu a oferta e fez subir os preços em todo o grupo carioca (CONAB, 2016).

A Tabela 1 mostra o balanço da oferta e demanda do feijão comum no Brasil.

Para análise da evolução dos preços, usam-se as variáveis preço, quantidade e valor:

- $P$  ou  $p$  = preço
- $Q$  ou  $q$  = quantidade
- $v = p \times q$  = valor
- $0$  = época básica, base ou época de referência
- $t$  = época atual, época dada ou época a ser comparada
- $p_0$  = preço do produto ou serviço em  $0$
- $p_t$  = preço do produto ou serviço em  $t$
- $q_0$  = quantidade do produto ou serviço em  $0$
- $q_t$  = quantidade do produto ou serviço em  $t$
- $v_0 = p_0 q_0$  = valor do produto ou serviço em  $0$

- $v_t = p_t q_t$  = valor do produto ou serviço em  $t$

### Índice de preço

Para atualizar o preço base, foi tomado como base 2015 = 100% (Tabela 2). Esse resultado indica que o preço do feijão comum (saca de 60 kg) em 2015 correspondeu em média a 157,32% dos preços obtidos desde 2005 e que o preço do produto em 2005–2015 sofreu aumento médio de 57,32% (Figura 4).

### Índice de quantidade

A Tabela 3 mostra o relativo da quantidade produzida e a Figura 5 mostra a evolução do índice de quantidade. Houve queda da quantidade produzida prevista para 2015–2016 (11,16% da quantidade produzida desde 2005–2006).

### Índice de valor

A Tabela 4 mostra o valor da produção. Houve aumento médio de 133,47% nos valores de vendas do feijão em 2015–2016 em relação aos dados acumulados desde 2005. Assim, o

**Tabela 1.** Balanço de oferta e demanda de feijão, em mil toneladas, de 2005–2006 a 2015–2016.

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2005–2006	92,9	3.471,2	69,8	3.633,9	3.450,0	7,7	176,2
2006–2007	176,2	3.339,7	96,0	3.611,9	3.500,0	30,5	81,4
2007–2008	81,4	3.520,9	209,7	3.812,0	3.580,0	2,0	230,0
2008–2009	230,0	3.502,7	110,0	3.842,7	3.500,0	25,0	317,7
2009–2010	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010–2011	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011–2012	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012–2013	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013–2014	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014–2015	303,8	3.115,3	156,7	3.575,8	3.350,0	122,6	103,2
2015–2016	103,2	2.925,7	150,0	3.178,9	2.950,0	120,0	108,9

Fonte: adaptada de Conab (2016).

**Tabela 2.** Relativo de preço – correspondente ao preço atual.

Ano	Mês	Preço médio nacional (R\$)	$P_{0,t} = P_t / P_0 \times 100$	%	Ano	Mês	Preço médio nacional (R\$)	$P_{0,t} = P_t / P_0 \times 100$	%
2005	Jan.	71,72	181,30	81,30	2010	Jul.	97,59	144,26	44,26
2005	Fev.	70,22	200,38	100,38	2010	Ago.	92,47	144,24	44,24
2005	Mar.	68,64	222,58	122,58	2010	Set.	115,51	115,43	15,43
2005	Abr.	76,18	191,34	91,34	2010	Out.	144,61	91,56	-8,44
2005	Maio	83,31	170,24	70,24	2010	Nov.	124,89	116,48	16,48
2005	Jun.	83,99	166,50	66,50	2010	Dez.	88,92	180,58	80,58
2005	Jul.	89,64	157,06	57,06	2011	Jan.	80,35	161,83	61,83
2005	Ago.	81,62	163,41	63,41	2011	Fev.	69,57	202,25	102,25
2005	Set.	68,37	195,01	95,01	2011	Mar.	76,17	200,57	100,57
2005	Out.	65,31	202,73	102,73	2011	Abr.	84,41	172,68	72,68
2005	Nov.	59,75	243,46	143,46	2011	Maio	87,79	161,56	61,56
2005	Dez.	58,62	273,92	173,92	2011	Jun.	86,11	162,40	62,40
2006	Jan.	60,93	213,40	113,40	2011	Jul.	90,82	155,02	55,02
2006	Fev.	71,04	198,05	98,05	2011	Ago.	95,44	139,75	39,75
2006	Mar.	76,76	199,04	99,04	2011	Set.	97,25	137,10	37,10
2006	Abr.	76,17	191,36	91,36	2011	Out.	95,16	139,13	39,13
2006	Maio	69,37	204,47	104,47	2011	Nov.	96,13	151,33	51,33
2006	Jun.	66,44	210,48	110,48	2011	Dez.	103,89	154,55	54,55
2006	Jul.	59,50	236,60	136,60	2012	Jan.	123,00	105,72	5,72
2006	Ago.	49,59	268,93	168,93	2012	Fev.	140,95	99,82	-0,18
2006	Set.	51,30	259,92	159,92	2012	Mar.	149,24	102,37	2,37
2006	Out.	56,08	236,08	136,08	2012	Abr.	166,11	87,75	-12,25
2006	Nov.	54,94	264,77	164,77	2012	Maio	179,17	79,16	-20,84
2006	Dez.	51,64	310,93	210,93	2012	Jun.	170,91	81,83	-18,17
2007	Jan.	54,41	238,99	138,99	2012	Jul.	153,11	91,95	-8,05
2007	Fev.	47,72	294,85	194,85	2012	Ago.	140,53	94,91	-5,09
2007	Mar.	48,57	314,57	214,57	2012	Set.	149,71	89,06	-10,94
2007	Abr.	46,52	313,30	213,30	2012	Out.	145,69	90,87	-9,13
2007	Maio	51,75	274,08	174,08	2012	Nov.	143,61	101,30	1,30
2007	Jun.	60,43	231,41	131,41	2012	Dez.	155,59	103,20	3,20
2007	Jul.	63,26	222,54	122,54	2013	Jan.	163,91	79,33	-20,67
2007	Ago.	73,31	181,92	81,92	2013	Fev.	183,75	76,57	-23,43
2007	Set.	80,58	165,46	65,46	2013	Mar.	188,74	80,95	-19,05
2007	Out.	107,92	122,69	22,69	2013	Abr.	205,40	70,96	-29,04
2007	Nov.	146,15	99,54	-0,46	2013	Maio	226,03	62,75	-37,25
2007	Dez.	186,23	86,22	-13,78	2013	Jun.	209,04	66,90	-33,10
2008	Jan.	217,01	59,92	-40,08	2013	Jul.	196,56	71,63	-28,37
2008	Fev.	195,14	72,10	-27,90	2013	Ago.	167,55	79,60	-20,40
2008	Mar.	175,04	87,28	-12,72	2013	Set.	143,14	93,15	-6,85
2008	Abr.	136,32	106,93	6,93	2013	Out.	133,92	98,87	-1,13
2008	Maio	123,95	114,43	14,43	2013	Nov.	126,02	115,44	15,44
2008	Jun.	165,10	84,70	-15,30	2013	Dez.	109,17	147,07	47,07

Continua...

**Tabela 2.** Continuação.

Ano	Mês	Preço médio nacional (R\$)	$P_{0,t} = P_t / P_0 \times 100$	%	Ano	Mês	Preço médio nacional (R\$)	$P_{0,t} = P_t / P_0 \times 100$	%
2008	Jul.	151,03	93,22	-6,78	2014	Jan.	99,50	130,68	30,68
2008	Ago.	143,43	92,99	-7,01	2014	Fev.	92,75	151,70	51,70
2008	Set.	155,75	85,60	-14,40	2014	Mar.	110,85	137,83	37,83
2008	Out.	160,69	82,40	-17,60	2014	Abr.	119,08	122,40	22,40
2008	Nov.	103,65	140,35	40,35	2014	Mai.	113,32	125,16	25,16
2008	Dez.	90,44	177,54	77,54	2014	Jun.	96,97	144,22	44,22
2009	Jan.	101,56	128,04	28,04	2014	Jul.	87,04	161,76	61,76
2009	Fev.	86,70	162,30	62,30	2014	Ago.	78,11	170,75	70,75
2009	Mar.	74,08	206,23	106,23	2014	Set.	75,38	176,88	76,88
2009	Abr.	71,24	204,60	104,60	2014	Out.	79,96	165,57	65,57
2009	Mai.	72,36	196,00	96,00	2014	Nov.	83,09	175,09	75,09
2009	Jun.	72,63	192,54	92,54	2014	Dez.	107,59	149,24	49,24
2009	Jul.	79,33	177,47	77,47	2015	Jan.	130,03	100,00	0,00
2009	Ago.	72,72	183,41	83,41	2015	Fev.	140,71	100,00	0,00
2009	Set.	66,53	200,40	100,40	2015	Mar.	152,78	100,00	0,00
2009	Out.	65,38	202,50	102,50	2015	Abr.	145,76	100,00	0,00
2009	Nov.	62,64	232,24	132,24	2015	Mai.	141,83	100,00	0,00
2009	Dez.	58,23	275,74	175,74	2015	Jun.	139,85	100,00	0,00
2010	Jan.	58,86	220,90	120,90	2015	Jul.	140,79	100,00	0,00
2010	Fev.	57,44	244,96	144,96	2015	Ago.	133,37	100,00	0,00
2010	Mar.	79,43	192,35	92,35	2015	Set.	133,33	100,00	0,00
2010	Abr.	106,50	136,86	36,86	2015	Out.	132,40	100,00	0,00
2010	Mai.	114,61	123,75	23,75	2015	Nov.	145,48	100,00	0,00
2010	Jun.	107,83	129,69	29,69	2015	Dez.	160,56	100,00	0,00

Fonte: adaptada de Agrolink (2016).

valor da produção de 2005–2006 a 2015–2016 sofreu aumento médio de 33,47% (Figura 6).

### Índice de Laspeyres ou método da época-base

Por causa das desvantagens dos índices simples, especialmente quanto à inexistência de pesos diferenciados para cada utilidade, índices ponderados, como os de Laspeyres, Paasche e Fisher, são de grande utilidade. Este estudo usa o coeficiente de Laspeyres para analisar a variação dos preços. Nele, a ponderação é feita em função dos preços e quantidades do período base:

$$Lp_{0,t} = \frac{\sum_{i=1}^n (P_{t,i} q_{0,i})}{\sum_{i=1}^n (P_{0,i} q_{0,i})} \times 100$$

onde

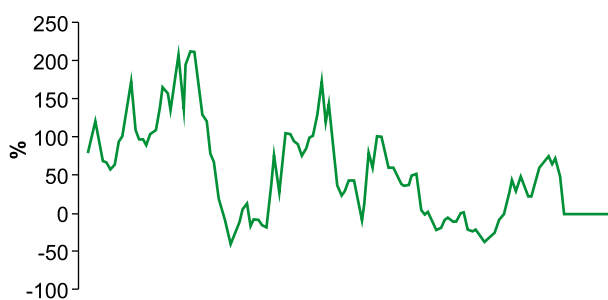
$n$  é o número de itens.

$P_{t,i}$  é o preço de um item qualquer no período atual.

$P_{0,i}$  é o preço de um item qualquer no período base.

$q_{0,i}$  é a quantidade de um item qualquer no período base.





**Figura 4.** Relativo correspondente ao preço atual (2015).

Fonte: adaptada de Agrolink (2016).



**Figura 5.** Relativo de quantidade.

Fonte: adaptada de Conab (2016).

**Tabela 3.** Relativo de quantidade produzida.

Ano	Produção (mil t)	$Q_{0,t} = q_t/q_0 \times 100$	%
2005–2006	3.471,2	84,28	-15,72
2006–2007	3.339,8	87,60	-12,40
2007–2008	3.520,9	83,10	-16,90
2008–2009	3.490,6	83,82	-16,18
2009–2010	3.322,5	88,06	-11,94
2010–2011	3.732,8	78,38	-21,62
2011–2012	2.918,5	100,25	0,25
2012–2013	2.806,1	104,25	4,25
2013–2014	3.454,0	84,71	-15,29
2014–2015	3.115,2	93,91	-6,09
2015–2016 <sup>(1)</sup>	2.925,8	100,00	0,00

<sup>(1)</sup> Previsão.

Fonte: adaptada de Conab (2016).

Então,

$$Lp_{0,t} = \frac{5104429,55}{3872702,00} \times 100 = 131,81$$

é o resultado que mostra que os preços do feijão aumentaram 31,81% (131,81 - 100) de 2005–2006 a 2015–2016.

**Tabela 4.** Valor da produção – relativo correspondente ao preço atual.

Ano	$P_t$	$Q_t$	$P_0$	$Q_0$	$V_{0,t} = P_t \times Q_t / (P_0 \times Q_0) \times 100$	%
2005–2006	141,41	2.925,7	73,11	3.471,2	163,01	
2006–2007	141,41	2.925,7	61,98	3.339,8	199,86	99,86
2007–2008	141,41	2.925,7	80,57	3.520,9	145,84	45,84
2008–2009	141,41	2.925,7	151,46	3.490,6	78,25	-21,75
2009–2010	141,41	2.925,7	73,62	3.322,5	169,14	69,14
2010–2011	141,41	2.925,7	99,05	3.732,8	111,89	11,89
2011–2012	141,41	2.925,7	88,59	2.918,5	160,01	60,01
2012–2013	141,41	2.925,7	151,47	2.806,3	97,33	-2,67
2013–2014	141,41	2.925,7	171,10	3.453,8	70,01	-29,99
2014–2015	141,41	2.925,7	95,30	3.115,3	139,35	39,35
2015–2016 <sup>(1)</sup>	141,41	2.925,7	141,41	2.925,7	100,00	0

<sup>(1)</sup> Previsão.

Fonte: adaptada de Agrolink (2016) e Conab (2016).





**Figura 6.** Valor da produção.

Fonte: adaptada de Agrolink (2016) e Conab (2016).

## Os estoques reguladores da Conab

O levantamento anual dos estoques privados feito pela Conab está fundamentado na lei que rege a política agrícola (Lei nº 8.171, de 17/1/1991, Art. 3º, Art. 30, inc. VI) (BRASIL, 1991), sobre o sistema de armazenagem dos produtos agropecuários (Lei nº 9.973, de 29/5/2000, Art. 10, inc. I e II, Art. 11 e Art.13) (BRASIL, 2000) e em seu decreto regulamentador (Decreto nº 3.855, de 3/7/2001, Art. 9º, inc. I e II) (BRASIL, 2001), sob competência do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A Conab mantém um sistema para a divulgação de informações sobre o volume dos estoques privados (CONAB, 2016).

Os estoques públicos permitem consultas às séries históricas de posição dos estoques governamentais, por produto, dos diversos programas ou instrumentos de política agrícola e de abastecimento (Tabela 5).

Os estoques devem ser fiscalizados para se apurar a qualidade e a quantidade dos estoques governamentais e avaliar a situação técnico-operacional das unidades armazenadoras depositárias. A Conab faz orientações periódicas com base no Manual de Fiscalização dos Estoques Governamentais, em normativas do Manual de Operações da Conab (MOC) e em orientações específicas estabelecidas pela companhia. As consultas dinâmicas de informações, consolidadas e detalhadas, contemplam as operações dos estoques públicos de produtos agropecuários amparados pela Política de Garantia de Preços

Mínimos (PGPM), com recursos das Operações Oficiais de Crédito (OOC), bem como os estoques estratégicos de apoio aos programas sociais (CONAB, 2016.)

## Evolução dos preços do feijão

Como os preços do feijão têm atingido altas históricas, a Secretaria de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda (Seae) esclareceu que o problema era causado por condições climáticas adversas – chuvas no Sul e estiagem no Nordeste –, e descreveu as providências e perspectivas relativas à evolução dos preços (BRASIL, 2016).

A Tabela 6 mostra decréscimo da produção em quase todas as regiões – nas regiões em que houve aumento, estes não foram significativos. Se concretizada a estimativa, a safra 2015–2016 será menor que a de 2014–2015 em volume – a previsão é de 11,2 milhões de toneladas a menos (IBGE, 2016).

A oferta de feijão caiu 1,0% em junho e 6,6% no ano, o que provocou aumento dos preços, principalmente do carioca. O feijão 1ª safra recuou 4,3% em junho, com a queda da produção estimada do Ceará (-47,3%). A seca que atinge o estado também deve influir na 2ª safra, com redução esperada de 5,5%. Houve queda de produção também no Maranhão (-2,2%), Alagoas (-7,9%), Espírito Santo (-48,5%), Rio de Janeiro (-5,6%), Mato Grosso do Sul (-11,1%) e Distrito Federal (-41,8%). Com o aumento do preço, a expectativa é de expansão da 3ª safra, tanto das áreas cultivadas (10,9%) quanto da produção esperada (11,3%), com reavaliações em Minas Gerais (23,4%) e Goiás (7,1%), os principais produtores dessa modalidade. No entanto, a produção ainda está 2,2% abaixo da obtida em 2015. (IBGE, 2016).

## Considerações finais

O mercado interno brasileiro de feijão está sendo prejudicado pela defasagem da produção

**Tabela 5.** Estoque público de feijão.

Ano	Estoque de feijão (t)											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
2005	20.953.585	17.394.622	15.418.555	11.629.539	5.400.289	3.940.029	2.827.807	2.149.295	2.057.526	2.702.723	2.992.898	5.351.142
2006	4.949	4.217	3.650	3.334	3.200	4.157	8.824	17.601	24.082	27.372	29.010	32.879
2007	35.623	35.536	46.214	56.804	71.927	80.889	92.236	93.799	81.987	52.348	21.781	10.791
2008	10.100	9.230	6.828	5.925	5.342	4.057	3.818	3.610	2.860	2.668	2.613	1.344
2009	10.100	9.230	6.828	5.925	5.342	4.057	3.818	3.610	2.860	2.668	2.613	1.344
2010	172.665	172.788	177.849	201.395	201.518	187.750	180.861	178.011	176.441	160.779	155.017	146.075
2011	144.913	144.122	146.348	151.741	159.641	159.842	152.455	136.909	127.623	124.785	108.791	87.343
2012	77.372	67.037	56.954	46.421	34.245	27.067	24.803	23.150	21.122	19.644	16.478	12.277
2013	16.478	3.788	3.794	3.246	2.995	2.762	2.128	2.141	1.963	715	633	560
2014	526	511	494	494	2.968	4.131	19.346	30.692	39.127	56.559	64.102	64.226
2015	64.236	64.173	63.728	58.714	55.375	44.357	34.631	30.340	23.556	18.744	12.623	10.045
2016 <sup>1</sup>	9.930	5.872	2.490	1.163	1.036	222						

<sup>1</sup> Os dados do segundo semestre de 2016 não estavam disponíveis.

Fonte: adaptada de Conab (2016).

**Tabela 6.** Produção de feijão por região (mil t).

	2005–2006 2006–2007 2007–2008 2008–2009 2009–2010 2010–2011 2011–2012 2012–2013 2013–2014 2014–2015 2015–2016 <sup>(1)</sup>													
	Norte	3.546,3	3.595,4	4.059,0	3.812,2	4.137,3	4.610,6	4.956,0	5.522,8	6.310,7	7.979,2	6.936,6		
Nordeste	9.805,5	9.828,4	12.570,4	11.682,9	11.973,5	15.997,9	12.466,6	11.993,0	16.800,7	16.643,2	11.213,5			
Centro-Oeste	41.147,8	43.698,9	50.457,5	49.119,7	52.408,2	56.759,1	71.170,7	78.277,6	81.742,9	88.167,1	82.282,7			
Sudeste	15.941,8	16.314,5	17.434,3	17.204,9	17.323,2	17.693,1	19.764,7	20.234,7	17.929,4	19.257,4	19.632,4			
Sul	52.089,4	58.313,4	59.616,1	53.314,8	63.412,7	67.742,3	57.814,1	72.629,9	70.838,3	75.619,6	76.421,2			
<b>Brasil</b>	<b>122.530,8</b>	<b>131.750,6</b>	<b>144.137,3</b>	<b>135.134,5</b>	<b>149.254,9</b>	<b>162.803,0</b>	<b>166.172,1</b>	<b>188.658,0</b>	<b>193.622,0</b>	<b>207.666,5</b>	<b>196.486,4</b>			

<sup>(1)</sup> Previsão.

Fonte: adaptada de Conab (2016).

no País. A seca no Nordeste e a geada no Sul/Sudeste fizeram com que a escassez da oferta elevasse os preços de todo o grupo *Phaseolus*. Os resultados mostram aumentos significativos do preço do feijão comum em 2015, em torno de 32% de 2005–2006 a 2015–2016.

A perspectiva para os primeiros meses de 2017 é de melhorias, mas a passos lentos. Sugere-se mais atenção das políticas públicas para o fortalecimento do setor. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), a Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), a Garantia-Safra, entre outras políticas, são alternativas que viabilizam pequenos empreendimentos produtivos e promovem a fixação do produtor rural no campo.

## Referências

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ. **Safra de grãos deve ser recorde no Paraná no próximo ano Agricultura**.

Disponível em: <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=90668>>. Acesso: 18 ago. 2016.

AGROLINK. 2016. Disponível em: <<https://www.agrolink.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BARBOSA, F.; GONZAGA, A. **Informações técnicas para o cultivo do feijoeiro-comum na Região Central-Brasileira: 2012-2014**. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2012. (Documentos, 272).

BRASIL. Decreto nº 3.855, de 3 de julho de 2001. Regulamenta a Lei nº 9.973, de 29 de maio de 2000, que dispõe sobre o sistema de armazenagem dos produtos agropecuários, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 4 jul. 2000.

BRASIL. Lei nº 8.171, de 17 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política agrícola. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 18 jan. 1991.

BRASIL. Lei nº 9.973, de 29 de maio de 2000. Dispõe sobre o sistema de armazenagem dos produtos agropecuários. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 30 maio 2000.

CONAB (Brasil). **Companhia Nacional de Abastecimento**. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/>> Acesso em: 25 jun. 2016.

CUNHA, D. A.; TEIXEIRA, I. R.; JESUS, F. F. de; GUIMARÃES, R. T.; TEIXEIRA, G. C. da S. Adução fosfatada e produção de feijão-comum e mamona em consórcio = Phosphorus fertilization and yield of common

bean and castor in intercropping. **Bioscience Journal**, v. 30, n. 5, 2014.

EMBRAPA ARROZ E FEIJÃO. **Dados conjunturais da produção de feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) e caupi (*Vigna unguiculata* (L.) Walp) no Brasil (1985 a 2014): área, produção e rendimento**. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2015. <[www.cnpaf.embrapa.br/socioeconomia/docs/feijao/dadosConjunturais\\_feijao\\_acre.htm](http://www.cnpaf.embrapa.br/socioeconomia/docs/feijao/dadosConjunturais_feijao_acre.htm)>. Acesso em: 25 jun. 2016.

FRANCISCO, P. R. M.; SANTOS, D.; LIMA, E. R. V. Pedoclimatic potential of the Paraíba State for culture of the common beans (*Phaseolus vulgaris*). **Revista Brasileira de Agricultura Irrigada**, v. 10, n. 4, p. 841, 2016.

IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro, 2016. <<http://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 18 jul. de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DO FEIJÃO E PULSES. **PNF – Preço Nacional do Feijão**. Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://www.ibrafe.org/quem-somos/pnf-preco-nacional-do-feijao/>> acesso em: 15 jul. 2016.

KINYANJUI, P. K.; NJOROGI, D. M.; MAKOKHA, A. O.; CHRISTIAENS, S.; NDAKA, D. S.; HENDRICKX, M. Hydration properties and texture fingerprints of easy-and hard-to-cook bean varieties. **Food Science & Nutrition**, v. 3; n. 1, 39-47, 2014.

MELO, C. O.; SILVA, G. H.; ESPERANCICNI, M. S. T. Causalidade de preços do feijão de cor no Paraná. **Revista de Política Agrícola**, v. 25, n. 2, p. 5-13, 2016.

NJOROGI, D. M.; KINYANJUI, P. K.; CHRISTIAENS, S.; SHPIGELMAN, A.; MAKOKHA, A. O.; SILVA, D. N.; HENDRICKX, M. E. Effect of storage conditions on pectic polysaccharides in common beans (*Phaseolus vulgaris*) in relation to the hard-to-cook defect. **Food Research International**, v. 76, parte 1. p. 105-113, 2015.

PEREIRA, H. S.; MELO, L. C.; ALMEIDA, V. M. de; MAGALDI, M. C. de S. Environmental influence in common bean cultivars grown in Brazilian savannah with low altitude. **Bragantia**, v. 71, n. 2, p. 165-172, 2012.

PEREIRA, T. C. V.; SCHIMT, R.; HAVEROT, E. J.; COIMBRA, J. L. M.; GUIDOLIN, J. L. M.; BACKES, R. L. Reflex of genotype x environment interaction on the genetic improvement of bean. **Ciência Rural**, v. 46, n. 3, p. 411-417, 2016.

SALVADOR, C. A. **Feijão - análise da conjuntura agropecuária**. Curitiba: DER/SAA, 2014.

SILVA, O. F.; WANDER, A. E.; GONZAGA, A. C. de O.; MAGALHÃES, H. A. Impacto socioeconômico e ambiental da cultivar de feijão-comum BRS Esteio, no Estado do Paraná, 2014/2015. **Baru**, v. 2, n. 2, p. 264-276, 2016.

TAVARES, C.J.; JAKELAITIS, A.; REZENDE, B. P. M.; CUNHA, P. C. R. da. Fitossociologia de plantas daninhas

na cultura do feijão. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, v. 8, n. 1, p. 27-32, 2013

VENTURELLI, G. L.; BROD, F. C.; ROSSI, G. B.;  
ZIMMERMANN, N.; F.; OLIVEIRA, J. P.; FARIA, J.

C.; ARISI, A. C. A specific endogenous reference for genetically modified common bean (*Phaseolus vulgaris* L.) DNA quantification by real-time PCR targeting lectin gene. **Molecular biotechnology**, v. 56, n. 11, p. 1060-1068, 2014.

---